

ACRE

SUPLEMENTO

FANZINE #19\////////////////////////////////
Ouro Preto, MG - 2020



só as pedras sabem esperar
o fim de cada estação

sem saber os ‘comos’ e muito menos os ‘por ques’, seguimos vivos, atravessando o pior dos infernos, e nossa companhia só faz a situação piorar, nossa solidão nunca foi tão desejosa de fim como agora. não sentimos falta de tudo, mas o nada feito um espelho maltrata a imagem que criamos para nossos sentimentos e (também) nossos sentimentalismos. Teoricamente uma quarentena é pra medir esforços para ver o que melhora, no organismo que pulsa a semente da vida, do gozo da alegria de estar vivo. essa quarentena tem se mostrado uma experiência única, não sabemos o que será no dia seguinte e o esse seguinte nem sabemos até que ponto ele estará pulsando, ou se ainda teremos dias para ter esperança.

tenho provado o gosto de ser de cada pedra que amontoo nesse mundo que é meu quintal, meu por que é o momento de saber que minhas fugas de infância ainda cabem na copa das árvores que subia, e, ainda subo quando me lembro da escalada. estamos vivos por fora, exaustos por dentro, e sem aquele brilho nos olhos que umas doses de conhaque com os amigos trazem. já me disse uma vez o sábio Itamar Assumpção “quem não vive tem medo da morte”.

seguiremos juntos, o resto do tempo que sobrou para viver, seguiremos jorrando isso que velhas máquinas de imprimir nos permitem ser: poesia e nada mais.

com carinho e resistências: Rômulo Ferreira



Noite de primavera
vagalume no céu
sons de turbina

Marcos Rogério Ferraz

SUPLEMENTO ACRE

FANZINE #19\////////////////////////////////

Ouro Preto, MG - 2020

out | nov | dez 2020 - OP.MG

edição 19

várias (os) colaboradoras (es)
capa em stencil por: @studiob2mr

revisão: participantes
edição e finalização: @studiob2mr
organização: Editora AMEOPoEMA

acompanhe nossas redes sociais:

ameopoemaeditora@gmail.com
fb.com/ameopoema
@studiob2mr

*toda a revista esta aberta a intervenções
pire e nos mande umas fotos.*

editora artesanal
AMEOPoEMA

B2mr
studio gráfico



A SOCIEDADE DA REPRESSÃO

Sirineu Bezerra
sirineu.oliveira23@gmail.com

Seguir modelos
Conceitos, fingir
Reprimir os desejos
Os padrões falam
Mais alto.
Se contrariar
A anormalidade
É a taxaço
Utilizada aos rebeldes
Que buscam
Simplesmente Viver!

CACOEMA

Leandro Costa
costafranciscoleandro@gmail.com

Precisa alcunha me deram
Chamo-me boca do inferno
Um inclemente juiz
Sem capa, toga e terno.

Se me encontrares no espelho
Não te assalte o medo
De ver-te como a mim veem

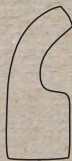
Para a alegria de todos
Sou um cachorro amarrado
Pagando pena de caco
Que a ferida me coça

Sabujo velho banido
À Ilha do esquecido
Para a saúde da ordem

fake news

Retroalimentar-se de mentiras
Torna você o quê?
Infelizmente está além da sua compreensão
Pois se tornou tão profundamente enraigado
Que não se distingue mais
Entre o verossímil
E a sua vontade contrapositiva.
Mero produto
De um sistema de indução.
Repetir sem questionar
Aceitar sem entender
A veemência de um estado destrutivo
Que ocasiona
Uma demência arraigada
Instaurada para se retroalimentar de si mesma.

Jeferson Ilha
jeferson.ilha@yahoo.com



A lua da montanha
gentilmente ilumina
o ladrão de flores.

Kobayashi Issa

esta
terra

Esta terra é nossa
Desde tempos por gerações
Longínquas nas suas adições
Como aldeia também vossa.

O rural por belo ambiente
Não dá qualquer espaço
Para alguém jogar mau laço
Seu alcance nada condizente.

Queremos continuar respirando
O melhor ar que purificado
Ainda se mantém envolvente.

Esta terra vai caminhando
Nossa por longo predicado
E vossa como bem assente.

Luís Amorim
luisamorimeditons@gmail.com

café com poesia

Angeli Rose
angeliroseescritora@gmail.com

Ela estendeu o braço longo para pegar a xícara da bebida quente sobre o balcão de vidro. Enquanto ele a admirava como se contemplasse uma obra de arte clássica, daquelas que carregam a beleza há séculos sem que qualquer intempérie a abale. Num instante, e estava. A xícara deslizou entre os dedos e foi ao chão aos cacos, tal qual o coração camuflado de Laura sob a seda com poás estava. Abalada, a mulher desejada fitou a balconista por alguns segundos, deu um passo atrás, baixou os olhos, desceu ao piso e ficou ali agachada chorando. Na mesa ao lado, o poeta tomou um guardanapo e uma caneta.

Surgia o café com poesia.

mandrágora

Thaís Ajaya
thais.ajaya93@gmail.com

Lembrei do que disse durante o sono, em voz alta.
O medo aquela peste, me fez de abrigo aquela noite.
Adormeci numa rocha que ainda guardava o calor do Sol,
E o cheiro do vento nas árvores, me embalou num sono do amor.
Eu não me lembro do sonho.
Só das palavras. Mas porquê, Deus?
Escolheste o Eu?
Vejo sempre mais beleza onde não há.
E a beleza que existe, não posso alcançar...

deflexão tupiniquim

Brava terra querida que humilha quem é da lida
E lida, submisso, com seus opressores, algozes e ditadores

Sou aventureiro nordestino de um país em abundância
Sofro a fome capitalista sob um ódio consumista
Sem temer qualquer carranca sulista
Sou brasileiro, meu país! Não sou a ganância!

Passa boi, passa toda a manada
Ser tão infeliz? Elefantes do Sertão?
Crianças sem pedigree, cães em berços de ouro
Dente podre, papaia mamão
Curupaco, Ilê-Ayê; Oxente! Que que há?
Machu Picchu, Torre Eiffel; Caliente, Au revoir

Pindorama, alma de sorte clandestina
Dentre tantos filhos, és um distante irmão
Que mesmo separado de tua progenitora latina
E imposto ao 3x4 de quem lhe prometeu adoção
Grita do Oiapoque ao Chuí:
O que eu quero, TIO? SAMBAR!

Ferrero Oswaldo
oswaldoferrero@gmail.com

o destino do lixo

Produtos que compramos,
sem se quer nos preocuparmos
com o destino que irá,
os lixos que geramos.

Jogar papel no chão,
sem se quer olhar para o lado
ou para frente
e ver que a lixeira está logo ali no portão.

Muitas vezes erramos
e somos prepotentes jogamos lixo no chão e assim
as autoridades cobramos.

Um destino para água que frisamos,
chegar até um rio
que muitas vezes é impedido
com o lixo que jogamos

Marcos Pontal
marcosmachado@visaoespiritual.com.br

Não tá tendo um ano do bom
Aumento só no volume do som
Sertanejo
Calça justa
Calção florido
Toma um certo comprimido
No talo
Abalour: dois mil e vinte foi mais de um agosto atrás

De meia calça
De quatro anos de imprudência

Menor de dezoito
A democracia, deu nas redes:
Estão nos crucificando com paredes

Cidadão ;Cidadona;Cidadela;Cidadoa;
Cidadezão;
Cidadezinha na colina...
A vacina para a revolução
está escondida na
descolonização de Marte
À parte o visto,
Isto: aquilo
que só está agora em cartaz na sua mente
E saudades dos poemas que fã nenhum do Neymar não leu
Do que no mundo que, por mais que bem quisto,

Deu nisso,
Misto de farrapos com trapos e molho de anchovas
No final das chuvas
Nos ataques de piranhas
O templo do tempo
O emprego que te engoliu
O time é teu
O resto
Sou eu.
Pedra sobre pedra:
Hoje só a poesia é que me enquadra

Flávio Louzas
fravimlouzas@hotmail.com

carta ao amigo

Câmara de ar
Meu terceiro braço
Anulação do espaço-tempo

Moedor de distâncias
Meu fiel devoto e
Santo maior de minha devoção

Ilha dos sãoz prazeres
Âncora que desanca
Minha (in)sanidade

Cofre que se move
E arrotada e gargalha
Conluio conclave conduto
Do que alcanço de sociabilidade
Meu amigo minha habilidade

Sammis Reachers
sreachers@gmail.com

contorno urbano

meus caminhos
minhas sinaleiras
minhas contramãos
meus desejos primários
minha visão e medo
da dor
(uma cidade inteira
me consome)
uma cidade aguda
de vias graves
e abandonadas
constantemente visitada
rapidamente esquecida
tenho uma cidade
inteira
pesando
sobre
minha
sanidade

Nicolle Girassol
nicollebcsouza@gmail.com

último suspiro.

A porta da minha casa está aberta, e tem uma onça do lado de fora. Acho que ela está ferida. Como a luz da cozinha está acesa, eu pude ver com clareza que ela precisa de cuidados. A onça está visivelmente assustada, e sua pele toda suja de fuligem. Me parece que ela acabou de sobreviver à um combate. E pelas características de seus ferimentos, o seu adversário foi o fogo. Num rápido piscar de olhos, ela subiu na minha janela, e passou à emitir um gemido, como se estivesse pedindo pela minha ajuda. Sua expressão é nitidamente de baixar a guarda. E numa troca de olhar mais longo comigo, ela me disse vem... vem cuidar de meu espírito, porque o corpo; vai ficar para as lombrigas.

João Andorinha

joannesjesust@gmail.com

khoka

deixar queimar até
que reste apenas pó
cinza como paletós e gravatas
fazer fileiras usando cartões corporativos
capitanias hereditárias
sobre balcões de mármore
distribuir aos amigos de direito
e cheirar o país
em canudos de lobo guará

Thamires Andrade

thami_reiss@hotmail.com

être fleur bleue

É possível voar, flutuar.
Com seu beijo eu posso voar e de seu abraço, flutuar.
Seu carinho me isenta da dor.
O luden do seu coração, eu.
De repente ele se afasta, seu coração;
agora não consigo tocar o chão, não há mais chão.

Saudade de bater na porta, do teu coração.
Amo-te.
A, meu azul;
o meu céu azul, seu olhos.

Cláudio César Jr

martellcesarclaudio@gmail.com

A SUTILEZA DO SER.

.. LÁPIS E TEXTO RICARDO S.

CORPOS...

CORPOS CASTOS...

PROFUNDA E SÚTIL ARMA



DE CASTAS
MILHÕES...



DE MILHÕES,
ESTRELAS...

ENTRE CASTAS E ESTRELAS...



O VÁCUO.

FIM.

TABACARIA

Era aligeirado pela pouca idade quando meteram-me dentro do poema. Sou o Esteves sem a metafísica da *Tabacaria*. Já completei cem anos, mas o poema não. O poema tornou-se meu adversário, quando plantei no poeta o “terreno fértil da criatividade”. Sou um mito da poesia e ainda está de pé a infâmia que deitaram sobre mim. Nunca tive nada com o Pessoa e andam a sugerir que sou heterônimo. Isso é futrica do Álvaro que me pôs ao ridículo dessa abstração.

O Álvaro, sim! Gosta de deitar prosa com o Pessoa e imergir nas profundezas da angústia. É heterônimo e cá estou a insinuar que o gajo caminha pelas “linhas quebradas e ao final do ponto vira verso”. Estou a esperar retratação nos cem anos do poema que cá já estou a vislumbrar

Marcos Antonio Campos
cocotasan1951@gmail.com

renascer

Gilda Portella
gildaportella.art@gmail.com

Memórias
Soterradas
Catarses
Útero
Descortinado
Segredo Deja Vu
Terapia
Cura quântica
Bio dança
Dores não expressas
Cicatrizes que sangram
Prazeres invisíveis
Instigantes
Traumas
Culpas
Fragmentos
De mim
Retalhos
Revisito
Feito Mamangava
Flor de Maracujá

memória da pele

A carne que se mantém viva
nem mais é chaga de separação
e sentida pelo ângulo do tempo
seca a foz da ideação

Mas é carne viva por vivo estar
o seu torso, quando meu corpo encontra
encaixe lenitivo no leito solo

E magicamente viva está a carne
quando meus olhos anoitecem e meu *id* vagueia
colado a ti em bagunças que não lembro

O que borbulha agora na taça da minha cabeça
é da mesma ordem da memória wallyana
pois para além da raça da pedra dura
conservo o detalhe de dias tenros.

Eduardo Sacramento
sacramento.eduardo74@yahoo.com

enterro na rede

Contemplo aturdido os passos cambaleantes
Há tanta tristeza, urros e sensações delirantes
A mãe envolve o pequeno corpo em mortalha
O lamento em profusão ganha campo, espalha

No colo, a criança que sofreu em sofrimento
Não houve tempo e, para mãe, não há alento
As mãos tão ossudas a mover freneticamente
Vociferam e gesticulam descompassadamente

Sou testemunha de um enterro na rede em dor
Da pequena criança retirante, a mãe em furor
Uma cólera sem-medida despejada em agonia

Sem força, a mulher desnutrida e cambaleante
Caminha sem rumo, uma senda tão delirante
Dos olhos da pobre mãe, fugiu qualquer alegria

Tauã Lima Verdán Rangel
taua_verdan2@hotmail.com

quebra-molas No interior
de meu estado
vi seu sebastião em tinta
sem necessidade de sangue
vi flecha,
pitanga dar na estrada

a física da cor em gente subindo
a bandana, tinta, pavio, tijolo

Vento de cana-de-açúcar esmurrar
quase tudo é testa.

Vi ligeireza no bigode.
Pra onde olho tem eu: cinco quintos
de verde. Seu sebastião feito tinta
no interior do estado
passou na parede. *Isso*

testemunho

Felipe Leal
felipe_la2@hotmail.com

tempo agudo

É andando ainda aqui,
por rumos que não piso,
e dizem, passando aí:
"Meu bem, perdi o siso."
Subindo me esqueci,
que trago mundo lento,
e dizem, passando aí:
"Saltam todos, de momento."
As gentes, desde mim,
perdoam-se do riso,
e dizem, passando aí:
"Não some, cara arisco!"
Fascinados em sair
são os tolos do verão,
e dizem, passando aí:
"Corre mal... sem noção."
Nestas rugas sempre li
que se constroem coisas sérias,
e dizem, passando aí:
"Ufa! Deslizou a alcateia."

Francesco Giannelli
ccogiannelli@gmail.com

Correndo da vida, percebi que cair não é só a queda e apredizado.
Salto em altura, com barreiras não importa a distância, arremessos talhadeira e pedra,
Pés no chão, olhos no horizonte, coração em chamas, me faz na vida atleta.
Corri pros problemas, fugi das soluções quedra cabeça, pendulo do cateto ao quadrado.
12 passos como música as batidas do coração, prende o ar, objeto lançado.
Os motivos que me faziam correr foram os mesmos que me fizeram parar,
Pensar sentado na cadeira olhei pro céu sem asas, aspirei nuvens e sonhei voar.
Apliquei meu grito em silêncio, destilei as palavras e as consumi como vinho,
Livro de Eli, Carol de Jesus, Dicionário Aurélio, colecionador de pedras, vários quadrinhos.
Palavras são fruta doce com semente de espinho, caro leitor um prazer saborear...
Não se engasgue, meus escritos não vão massagear seu ego, nem meu joelho,
O papel meu espelho que reflete as marcas do corpo chagas carrego no peito.
Tenha elegância ao digerir meus versos, mastigue bem, pode ser sua ultima refeição,
Se não entendeu feche o livro, respire fundo se perca na multidão.
Refleta no que eu disse pense onde está você causa e efeito, boom.
A caminhada é contínua e mesmo que corra a vida uma hora pega.
Foda mesmo é quem não se entrega, mesmo quando parece que desisti,
Levanto de pirraça e volto de onde eu caí..
Uma selfie....provar que resisti.
Visto a camisa sempre na luta não importa a dor ou que tenho,
A vida é loka uma vitamina de respeito, irmandade e comprometimento, lealdade e conhecimento.
Viva livre viva bem tire os chinelos de cimento...

escutar ventos
dialogar pedra

saber verter
saber queimar

não se estender:
onde não for

VERTER QUEIMAR

Eduard Traste
eduardtraste@estrabismo.net

literatura
infecção estranha
em qual página deste livro
você espera
que não tenha
agulhas?

Xandu
poetaxandu@gmail.com

MÁSCARA

Muito devo à minha máscara,
grande amiga de todas as horas.
Com ela posso rir, querendo chorar,
e chorar quando rir é o que desejo.
Minha máscara reconhece bem
mentirosos, traidores, ladrões...
Sabe muito bem lidar com todos
com palavras bonitas, caprichadas,
coerentes com a boa educação.
O grande problema pode acontecer,
quando por acaso em casa a esqueço.
Então eu sou eu, digo tudo que penso.
Enfrento hipócritas e interesseiros,
e quase me atraco com os trapaceiros.
Ah...Já não sei viver de cara limpa.
Onde quer que eu esteja, ela está.
A qualquer lugar a que vou, ela vai,
sempre bem agarradinha a meu rosto.
Minha máscara já está se tornando
parte integrante de meu corpo.

Maria A. S. Coquemala
maria-13@uol.com.br

Soterrados

Alguém aí pode ouvir
Aqui embaixo deste grande edifício?
Invisível agora ao olhar humano
Sob o farejar dos cães
Condenado a flagelo a flagelar
Sem julgamento julgado por leigos sedentos
Debaixo da terra derramada pela civilização
Despejada, soterrados, sufocaram o oxigênio
Subtraíram a luz atentaram contra a estrela
Mesmo negligenciados insistentemente
Ainda há vida
Criaram um edifício de nós entrelaçados
Cresceu sobre a cabeça afundou os pés
Intoxicou os nervos
Mesmo ainda desalentado
Resta força dalguma vontade
Dá onde não alcançaram às vistas gorda
Transformadas mãos em garras
Com unhas e dentes
A escalar resistência avante.

Marsailhe A M A.
marsailhe.a.m.a@gmail.com

Eu, neandertal

Forte, rude, animal
Homo neanderthalensis
O tal neandertal

Homem, macaco, primal
Rei das cavernas e das artes
O tal neandertal

Um caçador sem igual
Por mil séculos viveu
O tal neandertal

No frio foi genial
Mas tido como tosco
O tal neandertal

Com trumps e mais de laia igual
Alguém ainda crê que viveremos
Mais que o tal neandertal?!??

Ele ainda vive em nós
É o melhor de nós
O tal neandertal

Elidiomar Ribeiro da Silva
elidiomar@gmail.com

NERVURA

Por toda parte
Veias vermelhas
À procura de bifurcações

As lâminas da vida
Fatiam agora
Desejos antes
Interrompidos

Sobre ruas concretas
Seios abertos
Invadem
Certezas Amórficas

Clara Lobo
claralobo.bello@gmail.com

POR UM FIO

No bico do precipício de um aventureiro, contempla a paisagem, sonho fugaz, escalando pendurado nos raios de sol os telhados dessas casas plantadas sobre as encostas do tempo. Vida é fio. Filhos, animais, carnavais, sítios... Tudo o que é verdadeiro, e tudo aquilo que na escuridão faz-se ouvir sem ser dito. Coisas que jamais saberemos. E partituras de uma peça sem destino. Mais um respiro para aqueles que andam sufocados. Mais uma viração em meio a esse céu que só pode ser ele mesmo que a si próprio pinta porque das minhas mãos não saiu nada; e as mãos de Deus, eu não as vejo; e aquelas outras apenas certas como o escorrer das águas sem estanque sobre a pele do meu corpo. E poças e poças refletindo a luz das esperanças ensopadas de pequenas vitórias que mancham o couro dos sapatos respingados de alegrias no assoalho do palco dos dias. Apenas uma lágrima pingente no canto de um olho feito um piercing, que sem ser notado, se desprende do corpo, dentro de um ônibus cheio ou caminhando pela margem de um rio. Louvadas sejam as pessoas e seus dilemas! Louvadas sejam as pontes da inocência! Mesmo quando levam lugar nenhum a nada. Mesmo quando erram tentando encontrar seus caminhos. Mesmo quando riem e quando amam. Mesmo quando queda. Mesmo por um fio.

David Monsores
david_taba@hotmail.com

ESQUETE EXISTENCIALISTA IMPROVISADA Nº 2

Gabriella Casa Nova

gabriella_casanova@yahoo.com

ando chorando sem fim no que diz respeito a essa minha franca disposição ao desregramento total - sem fim e sem culpa; anseio pela destruição numa linguagem periférica: sou a própria perturbação da ordem pública, magia do caos em outdoors. vejo-me refletida no espelho como uma espécie de corvo sem sexo: luvas pretas sobre a cidade, lágrimas negras na face, uma fome estética sob o austero signo de Leão. há toda uma penugem mística comovente na atmosfera do corpo e do quarto, uma cerâmica erótica compulsiva de mil paranoias coxas ciclones e xamanismos: a orgia da iniciação metafísica! é nesses momentos de nudez e transe que uma alma sacra me possui, sem chance de exorcismo: me torno inversamente imaculada e cada vez que enlouqueço o delta de Vênus irradia pelo meio de minhas pernas em pleno alinhamento com Marte e coisa e tal, todos nós com os púbis escancarados pro Sol. apesar de toda a raiva, meu semblante permanece pacífico, lívido de um tesão surrealista que só vem quando penso a fundo nas questões do cosmos e na irrealdade do tempo mesclado com a imagem que criei mentalmente só pra mim da tua pélvis desnuda e suada num tom meio ocre meio analógico de ver com olhos chapados - me transtorna essa tua pele...

sem mais delongas: oremos pois pela paz mundial e por todos os orgasmos simultâneos que rompem o silêncio a cada minuto. e antes que me esqueça: somos energias máximas no limite da navalha! por isso toda essa vontade, essa suruba existencial de corpos crônicas répteis náusea eros ganesha shiva blake coltrane, derivas psicodélicas, psiconauticas, antropocósmicas:

nada é real. está tudo nos meus olhos...

Mulheres são perigosas
Estão acostumadas a sangrar
Convivem com a dor
Estão preparadas para dar
o sangue pela liberdade...
Como ousam! Como afrontam!
Como incomodam
o macho branco hétero
cidadão de bem...
Aquele que prega uma moral
que ninguém na verdade mantém.
Como eles têm medo!
Dessas bruxas que podem trazer
outro ser de suas entranhas!
E eles tentam se proteger
em muros de intolerância
misturada com autoritarismo
que sempre anda com o machismo.
As mulheres mais perigosas
são aquelas que já entenderam
onde nasce o fascismo
e o poder que elas têm
para fazer revolução.
Quando se juntam, é potência
entrando em ebulição!

Jeanne Bordignon
jeanebj@hotmail.com

EXTRA EXTRA EXTRA
Olhe não contém ironia
O rico acreditando em meritocracia
Vem de família burguesa
Nunca faltou um pão na mesa
E sobre cota
É frescura, cor de pele não importa
São do bem, cheios de respeito
E sobre o racismo dizem:
até tenho amigos pretos

EXTRA EXTRA EXTRA
Polícia acaba de rejeitar propina
Hoje não, queremos cocaína
No preto atirou pelas costas
O branco com fuzil não viu, e importa?
Você pode matar e roubar, mas tem que se confessar
Agora se abortar ou tatuar no céu não vai entrar
Nossa quanto padre amoroso
Pra cuidar de criança da até gosto.

Eliseu Sabino
eliseu_sabino123@hotmail.com

O observador de binóculos

Pela fresta da janela dava para ver
o interior e conjurar sentenças.
Havia grandes vazios entre os objetos da sala.
O espelho refletindo a luz amarela. O relógio
pendurado na parede sobre o livreiro
acumulando fotos. Uma poltrona gasta.
A mesinha de centro disposta ao lado.
Todos os objetos (assumindo aparência
de impiedosa engrenagem)
foram postos em movimento
e giravam no vácuo de suas frágeis existências
com inflexível obstinação
como o mecanismo de uma caixa de música
que insiste na sua melodia
repetindo a pauta de um mundo fatídico
e solitário.

Sidnei Olivio

sidneiolivio@hotmail.com

Poema da vileza

Os bem-sucedidos são uma afronta
a meus cinquenta anos de fraude.
Seus dons me enojam,
seus salários me travam a glote
suas famílias me azedam,
seus amigos me fazem sangrar.
Quando sentem uma dor nos dentes,
aquelas preciosas aberrações
esculpidas em porcelana,
sorrio em secreto com as obturações gastas
e as falhas inevitáveis de um fracassado.

Marcelo Luz Neves

marceloluz921@gmail.com

SONHO
AMARELO

ter o deserto como propósito
e celebrar num churrasco
em meio ao enterro
do povo, que lhe dá asco
é títere quem se apraz?
assina a tábua
assim assina
ainda é tempo
e célere mata
encabeça a onda antivacina
é eficiente quem supera a meta
perseverante, quem não declina
trinta mil já ficaram lá atrás...
ainda é tempo de erigir seu sonho
seu medonho mundo amarelo
cor de ouro, cor de soja
sobre um solo encharcado em sangue
onde ensandecido range
desmascarado
seu riso amarelado.

Carolina Rieger

carolriegermassetti@hotmail.com

ÉBRIO

Não vou mais retorquir aos tolos,
a amargura perdura da mesma maneira.
Não há brida para estas estranhas vidas:
coniventes, ora insolentes, sempre ávidas.
Um drink fortuito resgata a matiz da indecência,
e no fundo da transparência líquida,
enxergo a insensatez dos burburinhos.
Nem penso no resumo público
que certifica a intenção dos impostores,
só desejo mesmo destilar o tempo
e inquerir os insanos.
A cada gole, um suspiro para sustar a sobriedade,
Como se a amargura é que me embriagasse.

Maria Rosa De Miranda Coutinho

mariarosacoutinho@yahoo.com.br

A ESTRADA

MAL

01925@protonmail.com

Sou um homem forte.
Por isso cato os bichos mortos
pra triturar no caldeirão.
Ganho ração e droga.
Lícita. Não sou prisioneiro.
Vivo porque sou forte.
Se fosse fraco, me dava melhor
Teria estudado se fosse fraco.
Estudado sem parar.
Forte, eu quebro a pedra.
Vigio o labirinto.
Se fosse fraco, saía daqui
Sobrevivia em algum esquema.
Resolvia minha briga.
Sou forte. Não obedeço.
Pego com força
O que eu quero
E não deixo mais.
Por isso cato bicho morto
Boto num saco a carne ruim
Pra moer e salvar.
Se fosse fraco, fazia as pazes
E até morria melhorzinho.
Mas sou forte.
Vivo, vivo e vivo
E não engulo.
Nada mais.

CIDADÃO

cidadão de bem
é um bicho em extinção
que tem o olho fechado
pro que é dos outros
e tem o coração
maior do que a língua

cidadão de bem
não tem medo do espelho:
sabe que feio
é ser hipócrita
como tanta gente que paga de bonita por aí

cidadão de bem
sabem que ninguém tá à toa
cidadão de bem
é cidadão de boa

Guilherme Brasil
brasil.1911@gmail.com

Sou Mulher!

Sim, eu SOU!
Sim, eu posso!
Sim, eu canto!
Sim, eu faço!
Sim, eu vou!
Sim, eu traço
meu caminho chamado VIDA!

Sigo intensamente
a grandeza de ser mulher.
Sou negra, amarela,
sou branca como quiser.

Cada dia um passo
de cabeça erguida no espaço.
Passo por passo
chegarei no compasso!

Isabela Saramago
isaramago@terra.com.br

SONETO A FLOYD

Peço-te desculpas pelo ódio estruturado
Pela voz silenciada
Pela choro abafado
E pelo ar sufocado!

Peço-te desculpas pelo seu direito tirado
Por não ter sido ouvido
Por ter sido cruelmente calado
E por tanta falta de... *respeito!*

Naquela tarde tão triste
Mais uma vida se foi
Por causa de estereótipos, que o racismo naturalizou.

Peço-te desculpa pela vida que te roubaram
Pelo homicídio causado com tamanha arbitrariedade
Agora nos resta a memória de um Floyd,
Dentre tantos massacrados!

Cláudia Gomes
rical_fsa@yahoo.com.br

FOI-SE

Bárbara Pippa - babi_pippa@hotmail.com

os poemas que te dei hoje já não fazem mais sentido, pois não rimam
os beijos que te dei hoje já não fazem mais sentido, pois nossas bocas não se encostam
os abraços que te dei hoje já não fazem mais sentido, pois nossos corpos não se cabem
o amor que eu te dei hoje já não faz mais sentido, pois o sentimento foi embora
mas, acho que nada nunca fez sentido porque só eu dei tudo o que tinha
como sempre faço e sempre me repito saindo em frangalhos sem nada a receber
porque o que você achou que estava me dando, na verdade, era o mínimo
e pouco eu não sou de merecer
e você deve ter pensado que eu iria atrás de algo que não foi feito para ser
mas eu não vou.

Viuvinha

Ao sair tive uma surpresinha
Ciscando na grama, a ave "viuvinha"
Estava sozinha igual a mim
Nesta pandemia sem fim

Não é boa a solidão
Sempre aguardando um passeio
Sem poder enfrentar a multidão
Minha cabeça fica em devaneio

Ilmar Ribeiro da Silva
ilmarribeiro@yahoo.com.br

Látex

Tinta que mancha, olho que chama,
Veneno que clama, soberania insana,
No encontro de silêncios, escuto teu Norte,
Na substância do teu ser, um intervalo de sorte,
Um tanto sombrio, esse hiato de passos,
Prestai submissão, à escuridão em teus traços,
Hesito, em transe, encarar teu fulgor,
Tirana terrível, sequestrador a de emoções,
Infelicidades toleráveis, um contínuo que impera,
Infelicidades toleráveis, contínuo que me espera.

Maurício Fontana Filho
mauricio442008@hotmail.com

VELHICE

Josafá de orós

josaphatdeoros@gmail.com

Atrás dos óculos: escondo-me!
Degraus encarreiram o eco da idade
Na velha escadaria do tempo.

Onde cansei os meus pés apressados
Desgastei os meus calçados.

E os meus olhos perplexos
Engastam a dor dos passos
Opacos, os meus olhos
São vistos pelo mundo
Escorados em frágeis bengalas de vidro.

Ruas quase vazias quase moradas quase lares quase lugares espaços
espectros fantasmas memórias restos quase ansiedade desejo angústia
agonia quase curvas estatísticas sinistros dados na tela quase dezessete
talvez trinta e oito polegadas de ignorância verde e amarela quase
tremulando na aven_ida vista da janela da clausura d'um iso_lamento
quase viralizou contaminação (em massa) infecção generalizada quase
dores diversas febre alta já convulsionando quase democracia que
agoniza que se passa quase mas resiste sobrevive respira pelas frestas
quase apesar dos aparelhos.

Márcio Silva

marcio.fsc76@gmail.com

PELA JANELA

Pela janela do ônibus,
vejo o sol brilhar
na pele de corpos suados,
que vão e vêm.
Pela janela do ônibus,
vejo sorrisos,
lágrimas,
dor,
tristeza,
alegria.
Pela janela do ônibus,
vejo gente
vivente,
sobrevivente,
vejo dependente,
gente sorridente,
sem dente.
Pela janela do ônibus,
vejo a chuva
chegar faceira,
lampeira
e feito corredeira,
lamber a sujeira.
Pela janela do ônibus,
te vejo passar.

Helena Girard

lena-girard2@outlook.com

MUITO OBRIGADO PELA LEITURA

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E PARTICIPE
DAS FUTURAS EDIÇÕES
&
PARTICIPE TAMBÉM DE OUTROS
PROJETOS EDITORIAIS INDEPENDENTES;



editora artesanal
AMEOPOEMA

B2mr
studio gráfico

PUBLICAMOS LIVROS, REVISTAS, JORNAIS, FANZINES, INFORMATIVOS
SOLICITE SEU ORÇAMENTO